



Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética 2

Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

**Ensino e Aprendizagem como Unidade
Dialética
2**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E59	Ensino e aprendizagem como unidade dialética 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Kelly Cristina Campones. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ensino e Aprendizagem Como Unidade Dialética; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-483-2 DOI 10.22533/at.ed.832191507 1. Aprendizagem. 2. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Campones, Kelly Cristina. CDD 371.102
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book intitulado como: “Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética”, apresenta três volumes de publicação da Atena Editora, resultante do trabalho de pesquisa de diversos autores que, “inquietaos” nos seus mais diversos contextos, consideraram em suas pesquisas as circunstâncias que tornaram viável a objetivação e as especificidades das ações educacionais e suas inúmeras interfaces.

Enquanto unidade dialética vale salientar, a busca pela superação do sistema educacional por meio das pesquisas descritas, as quais em sua maioria concebem a importância que toda atividade material humana é resultante da transformação do mundo material e social. Neste sentido, para melhor compreensão optou-se pela divisão dos volumes de acordo com assunto mais aderentes entre si, apresentando em seu volume I, em seus 43 capítulos, diferentes perspectivas e problematização acerca do currículo, das práticas pedagógicas e a formação de professores em diferentes contextos, corroborando com diversos pesquisadores da área da educação e, sobretudo com políticas públicas que sejam capazes de suscitar discussões pertinentes acerca destas proposições.

Ainda, neste contexto, o segundo volume do e-book reuniu 29 artigos que, constituiu-se pela similaridade da temática pesquisa nos assuntos relacionados à: avaliação, diferentes perspectivas no processo de ensino e aprendizagem e as Tecnologias Educacionais. Pautadas em investigações acadêmicas que, por certo, oportunizará aos leitores um repensar e/ou uma amplitude acerca das problemáticas estudadas.

No terceiro volume, categorizou-se em 25 artigos pautados na: Arte, no relato de experiências e no estágio supervisionado, na perspectiva dialética, com novas problematizações e rupturas paradigmáticas resultante da heterogeneidade do perfil acadêmico e profissional dos autores advindas das temáticas diversas.

Aos autores dos diversos capítulos, cumprimos pela dedicação e esforço sem limites. Cada qual no seu contexto e pautados em diferentes prospecções viabilizaram e oportunizaram nesta obra, a possibilidade de ampliar os nossos conhecimentos e os diversos processos pedagógicos (algumas ainda em transição), além de analisar e refletir sobre inúmeras discussões acadêmicas conhecendo diversos relatos de experiências, os quais, pela soma de esforços, devem reverberar no interior das organizações educacionais e no exercício da constante necessidade de pensar o processo de ensino e aprendizagem como unidade dialética.

Cordiais saudações e meus sinceros agradecimentos.

Kelly Cristina Campones

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS E SUAS IMPLICAÇÕES NO TRABALHO PEDAGÓGICO NO TERCEIRO CICLO – ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Gilcéia Leite dos Santos Fontenele</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8321915071	
CAPÍTULO 2	18
A CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO EM LICENCIANDOS DE CIÊNCIAS	
<i>João Debastiani Neto</i>	
<i>Néryla Vayne Alves Dias</i>	
<i>Maria Estela Gozzi</i>	
<i>João Marcos de Araujo Krachinski</i>	
<i>Larissa Aparecida Barbeta Gomes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8321915072	
CAPÍTULO 3	30
A CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO POR PROFESSORES DE LICENCIATURAS	
<i>Maria Estela Gozzi</i>	
<i>Néryla Vayne Alves Dias</i>	
<i>João Debastiani Neto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8321915073	
CAPÍTULO 4	43
ANÁLISE DA REPROVAÇÃO EM DISCIPLINAS DO CURSO DE MATEMÁTICA A DISTÂNCIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA	
<i>Renata Patrícia Lima Jeronymo Moreira Pinto</i>	
<i>Antonio Marcos Moreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8321915074	
CAPÍTULO 5	53
AVALIAÇÃO DA TEORIA-PRÁTICA EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE	
<i>Maria Noraneide Rodrigues do Nascimento</i>	
<i>Joelson de Sousa Moraes</i>	
<i>Maria Gleice Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8321915075	
CAPÍTULO 6	66
AVALIAÇÃO DE SALA DE AULA: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE UM PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Amanda Tayne Lima Dias</i>	
<i>Edileuza Fernandes Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8321915076	
CAPÍTULO 7	72
AVALIAÇÃO: A CONCEPÇÃO DE LICENCIANDOS EM FÍSICA	
<i>Néryla Vayne Alves Dias</i>	
<i>Maria Estela Gozzi</i>	

CAPÍTULO 8 84

AVALIAÇÃO: PESQUISA CARTOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Maria de Lourdes da Silva Neta

Mayara Alves Loiola Pacheco

Alana Dutra do Carmo

Rachel Rachelley Matos Monteiro

DOI 10.22533/at.ed.8321915078

CAPÍTULO 9 97

DESVELANDO O FRACASSO ESCOLAR POR MEIO DO RACISMO

Gerusa Faria Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.8321915079

CAPÍTULO 10 107

AS POTENCIALIDADES DA PROGRAMAÇÃO LINEAR PARA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS ENVOLVENDO A ÁLGEBRA LINEAR

João Debastiani Neto

Roney Peterson Pereira

Valdinei Cezar Cardoso

DOI 10.22533/at.ed.83219150710

CAPÍTULO 11 122

ENSINO E APRENDIZAGEM DE CIÊNCIAS DA NATUREZA NOS ANOS INICIAIS

Cristiane de Almeida

Anemari Roesler Luersen Vieira Lopes

DOI 10.22533/at.ed.83219150711

CAPÍTULO 12 136

ESTILOS DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA DISCIPLINA DE CONTROLE 1 DO CURSO DE ENGENHARIA ELETRÔNICA DA UTFPR

Paulo Roberto Brero de Campos

Miguel Antonio Sovierzoski

DOI 10.22533/at.ed.83219150712

CAPÍTULO 13 149

ESTILOS DE LIDERANÇA E SUA DINÂMICA NO COMPORTAMENTO SOCIAL VIRTUAL DOS GRUPOS DE UM PROGRAMA DE ENSINO A DISTÂNCIA

Quênia Luciana Lopes Cotta Lannes

Wagner Lannes

DOI 10.22533/at.ed.83219150713

CAPÍTULO 14 162

FATORES INTERVENIENTES NA RELAÇÃO ENTRE TECNOLOGIA DIGITAL E PRÁTICA PEDAGÓGICA

Rosemara Perpetua Lopes

Márcia Leão da Silva Pacheco

DOI 10.22533/at.ed.83219150714

CAPÍTULO 15	169
GAMEFICAÇÃO NA EDUCAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DE JOGOS DE TABULEIRO (<i>BOARD GAMES</i>) NO ENSINO SUPERIOR	
<i>Adriana Paula Fuzeto</i>	
<i>Bethanya Graick Carizio</i>	
<i>Michele Ananias Quiarato</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150715	
CAPÍTULO 16	179
GAMIFICAÇÃO NA SALA DE AULA UNIVERSITÁRIA: METODOLOGIA ATIVA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
<i>Barbara Raquel do Prado Gimenez Corrêa</i>	
<i>Gabriela Eyng Possolli</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150716	
CAPÍTULO 17	186
MODELAGEM DE UMA PLATAFORMA WEB GAMIFICADO PARA MEDIAR A APRENDIZAGEM DOS CONTEÚDOS DE LÓGICA DE PROGRAMAÇÃO	
<i>Cheli dos Santos Mendes</i>	
<i>Roberto Luiz Souza Monteiro</i>	
<i>Tereza Kelly Gomes Carneiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150717	
CAPÍTULO 18	192
MODELO DUAL DE EDUCAÇÃO: CASO JARAGUÁ DO SUL	
<i>Julio Perkowski Domingos</i>	
<i>Geison Stein</i>	
<i>Fernando Luiz Freitas Filho</i>	
<i>Carlos Alberto Klimeck Gouvea</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150718	
CAPÍTULO 19	203
MOODLE VERSÁTIL: SUPORTE PARA AULAS VIRTUAIS, INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO DISCENTE E PLATAFORMA PARA A APRENDIZAGEM DO ESPANHOL E DO ITALIANO NA UFBA	
<i>Cecilia Gabriela Aguirre</i>	
<i>Jadirlete Cabral</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150719	
CAPÍTULO 20	217
O AVA MOODLE E SUAS POSSIBILIDADES NO ENSINO- APRENDIZAGEM DE CIÊNCIAS: TRABALHANDO O CONTEÚDO “GERAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA” NO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Ádson de Lima Silva</i>	
<i>Kleber Cavalcanti Serra</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150720	

CAPÍTULO 21	234
O ENTRELAÇAMENTO DA TEORIA E PRÁTICA COMO CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Maria da Graça Pimentel Carril</i>	
<i>Sandra Perez Tarriconi</i>	
<i>Sirlei Ivo Leite Zoccal</i>	
<i>Elisete Gomes Natário</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150721	
CAPÍTULO 22	241
O GOOGLE EARTH COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA ANÁLISE DO ESPAÇO GEOGRÁFICO	
<i>Danusa da Purificação Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150722	
CAPÍTULO 23	246
O PERFIL DOS ALUNOS INGRESSANTES NO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO HABILITAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA/UAB	
<i>Janete Webler Cancelier</i>	
<i>Juliane Paprosqui Marchi da Silva</i>	
<i>Liziany Müller</i>	
<i>Carmen Rejane Flores</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150723	
CAPÍTULO 24	260
O USO DA LOUSA DIGITAL EM AULAS DE MATEMÁTICA	
<i>Eloisa Rosotti Navarro</i>	
<i>Marco Aurélio Kalinke</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150724	
CAPÍTULO 25	274
OTIMIZAÇÃO DO USO DA PLATAFORMA MOODLE EM PROCESSOS DE AVALIAÇÃO DE DISCIPLINAS EM CURSOS NA MODALIDADE A DISTÂNCIA	
<i>Lidnei Ventura</i>	
<i>Osmar Oliveira Braz Júnior</i>	
<i>Vitor Malagá</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150725	
CAPÍTULO 26	285
PROJETO MEGATRON: UM NOVO OLHAR NO ENSINO DE ELETRÔNICA E EMPREENDEDORISMO PARA O ENSINO MÉDIO	
<i>Elismar Ramos Barbosa</i>	
<i>Raiane Carolina Teixeira de Oliveira</i>	
<i>Fábio de Brito Gontijo</i>	
<i>Thiago Vieira da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150726	

CAPÍTULO 27	297
TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO: A UTILIZAÇÃO DA FERRAMENTA WEBQUEST NO ENSINO DE CARTOGRAFIA	
<i>Rafael Arruda Nocêra</i> <i>Alessandra Dutra</i> <i>Vanderley Flor da Rosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150727	
CAPÍTULO 28	311
UTILIZAÇÃO E ADAPTAÇÃO DO TBL PARA ENGENHARIAS NA DISCIPLINA DE ELETRICIDADE APLICADA	
<i>Priscila Crisfır Almeida Diniz</i> <i>Antônio Cláudio Paschoarelli Veiga</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150728	
CAPÍTULO 29	322
FATORES INFLUENTES NA EVASÃO E PERMANÊNCIA NA EAD: O SUCESSO PODE AJUDAR A COMPREENDER AS CAUSAS DO FRACASSO?	
<i>Camila Figueiredo Nascimento</i> <i>Maria Emanuela Esteves dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150729	
SOBRE A ORGANIZADORA	336

A AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS E SUAS IMPLICAÇÕES NO TRABALHO PEDAGÓGICO NO TERCEIRO CICLO – ENSINO FUNDAMENTAL

Gilcéia Leite dos Santos Fontenele

Universidade de Brasília –UnB

Brasília – DF

RESUMO: Esse objeto de estudo surgiu das inquietações sobre a avaliação quando atuei como professora e coordenadora pedagógica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Durante minha atuação profissional, percebi que a avaliação é uma das categorias do trabalho pedagógico mais importante, porque perpassa por todo o processo de *ensinoaprendizagem* e pode beneficiar tanto os alunos quanto os professores. O objetivo central dessa pesquisa é saber como os professores do terceiro ciclo estão utilizando a avaliação. Este objetivo levou a outras indagações: qual a compreensão que os educadores têm sobre o ato avaliativo? Qual a relação existente entre os fundamentos metodológicos da avaliação contidos no projeto político-pedagógico da escola estudada e a avaliação realizada em sala de aula? A metodologia dessa pesquisa baseia-se numa abordagem qualitativa e utiliza como instrumentos: entrevista semiestruturada com o vice-diretor e questionário com perguntas abertas e fechadas para os professores regentes. Primeiramente, o tema é colocado teoricamente à luz de autores como: Villas Boas (2008, 2017), Freitas (1995, 2014), dentre

outros. A análise articula os dados da pesquisa com as informações da teoria estudada. O estudo elucidou pontos importantes sobre o processo avaliativo, evidenciando que a avaliação no terceiro ciclo do Ensino Fundamental está mais voltada para o desempenho do aluno, embora seja utilizada, em menor grau, para a organização do trabalho pedagógico. Também, reforçou o trabalho coletivo como imprescindível para o desenvolvimento de uma educação de qualidade e a importância das coordenações pedagógicas como espaço de formação continuada e planejamento das atividades escolares.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação. Organização escolar em ciclos. Trabalho pedagógico.

1 | INTRODUÇÃO

A avaliação acontece em todos os âmbitos da vida humana e na escola, principalmente, se faz necessária, para verificar a qualidade do que é ensinado no ambiente escolar, servindo de norte para o planejamento e redimensionamento do trabalho pedagógico.

Cabe ressaltar que o mais importante na avaliação é a clareza do que será avaliado, o porquê e para quê o educando será submetido ao processo avaliativo. Pretende-se avaliar o todo ou as partes desse todo? Qual o objetivo

dessa avaliação para planejar, replanejar o processo ou para intervir em situações pontuais de aprendizagem?

No ambiente escolar, se avalia com diferentes intenções: avalia-se para medir, classificar, diagnosticar e para informar, dentre outras funções da avaliação. Nesse trabalho, em específico, pretende-se tratar da avaliação formativa proposta pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF):

A avaliação possui diversas funções; contudo, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF entende que, na avaliação formativa, estão as melhores intenções para acolher, apreciar e avaliar o que se ensina e o que se aprende. Avaliar para incluir, incluir para aprender e aprender para desenvolver - se: eis a perspectiva avaliativa adotada. (DISTRITO FEDERAL, 2014a, p. 12).

Ainda nesse documento encontram-se os fins da avaliação formativa, que é, antes de qualquer coisa, “servir para que os processos sejam conduzidos de maneira atenta e cuidadosa, a fim de que não se priorize o produto (quantidade) em detrimento da qualidade a ser considerada em todo o decurso”. (DISTRITO FEDERAL, 2014a, p. 13).

Cabe ressaltar que ao longo de vinte anos de magistério que atuei, principalmente, como coordenadora pedagógica local, vivenciei muitas experiências pedagógicas, sendo capaz de observar a importância que o processo avaliativo desempenha na organização do trabalho pedagógico. Nesses anos de experiência, pude constatar que nem sempre a avaliação é usada no sentido de buscar uma reflexão e efetivação das práticas pedagógicas.

Dessa forma, estudar o processo avaliativo realizado na sala de aula é imprescindível. Portanto, pretende-se pesquisar a avaliação realizada em sala de aula no terceiro ciclo do Ensino Fundamental, procurando entender como o processo avaliativo tem colaborado na organização do trabalho pedagógico nessa etapa da escolarização.

As primeiras aproximações com objeto em estudo suscitaram uma série de questões, a saber: Quais as implicações da avaliação (da sala de aula) para a organização do trabalho pedagógico no terceiro ciclo, em uma unidade escolar pública do Distrito Federal? Qual a concepção de avaliação dos professores? A avaliação tem contribuído para a organização do trabalho pedagógico? Existe clareza por parte dos professores quanto à importância da avaliação para a organização do trabalho pedagógico? O que deveria ser feito para melhorar o processo avaliativo no terceiro ciclo?

Os questionamentos, surgidos na fase inicial da pesquisa, levaram a um objetivo geral de estudo, que consiste em: **analisar as implicações da avaliação (da sala de aula) para a organização do trabalho pedagógico no terceiro ciclo do Ensino Fundamental, em uma unidade escolar do Distrito Federal.**

Para melhor análise e compreensão do objeto de pesquisa, busquei alguns

objetivos específicos que poderiam elucidar o tema em estudo, cabe destacar:

- Analisar as concepções da avaliação apresentada pelos professores e gestão.
- Analisar os fundamentos teóricos metodológicos apresentados no projeto político-pedagógico da unidade de ensino e a sua articulação com a prática pedagógica realizada na sala de aula.
- Identificar e analisar as contribuições da avaliação realizada em sala de aula para organização do trabalho pedagógico.

2 | A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO PARA A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

Atualmente, o mundo passa por sérias transformações, que envolve o surgimento de mercados comuns, as tecnologias em constante evolução, uma intensa competitividade que afeta a vida das pessoas e as relações sociais. E a escola não fica fora das mudanças que ocorrem na sociedade, pois ela está inserida nesse contexto e como tal deverá acompanhar o que vem ocorrendo no âmbito social. Tudo isso interfere nas estruturas da escola, reverberam no seu fazer pedagógico e exige dos dirigentes escolares e dos professores uma nova postura profissional. O aluno, hoje, apresenta uma vida diferente de anos atrás. E a educação, que objetiva formar o cidadão como agente de transformação social deve acompanhar as mudanças ocorridas na sociedade.

Nessa linha de raciocínio, Santomé (1998, p.14) diz que a autêntica razão de ser da escola é “preparar cidadãos e cidadãs para compreender, julgar e intervir em sua comunidade, de forma responsável, justa solidária e democrática.” Portanto, Santomé (1998) reforça a necessidade de uma reflexão acerca da atividade educativa, uma mudança nas práticas pedagógicas e um novo olhar sobre a organização do trabalho realizado na escola.

Nesse contexto, a avaliação não pode ficar à parte, ela é uma categoria da organização do trabalho pedagógico, que funciona e/ou que deveria funcionar como um termômetro para o trabalho realizado na sala de aula. Nessa linha de raciocínio, André & Passos (2001) estabelecem que a avaliação deve ser um guia a ação pedagógica. Um norte para todo o trabalho, ou seja, momento em que o professor irá refletir sobre as suas práticas e procurará planejar e replanejar atividades escolares para melhor desenvolver o *ensinoaprendizagem*.

Por outro lado, avaliação não poderá se dar apartada dos objetivos educacionais. O ato avaliativo deverá ensejar os fins educacionais, respondendo a uma pergunta básica: Como a escola pretende desenvolver o seu trabalho pedagógico? A resposta para essa pergunta nos remete a uma avaliação que deverá estar comprometida

com os objetivos de um contexto maior, que representam a escola como um todo. Para Freitas (2014) é impossível falar de avaliação transformadora, contínua e comprometida com o desenvolvimento do aluno, sem questionar os objetivos da escola. Além disso, Freitas (2005, p. 95) estabelece que “objetivos e a avaliação são categorias que se opõem em sua unidade.” Enquanto os objetivos demarcam o momento final do processo, a avaliação é o momento real e concreto do que foi explicitado nos objetivos e seus resultados permitem ao aluno e ao professor fazer uma relação do que foi almejado e o que foi alcançado pelo estudante, por isso Freitas (ibidem) afirma que “A avaliação incorpora os objetivos e aponta uma direção”.

O processo avaliativo deve estar a serviço das aprendizagens dos alunos, ajudando o corpo docente e discente a identificar o que funcionou e o que é necessário fazer para melhorar a práxis pedagógica. O termo práxis é usado por Vázquez (1969), e pressupõe a união da teoria e da prática. Portanto, a avaliação não deve se esgotar no diagnóstico, ela deve se preocupar, fundamentalmente, com as ações a serem tomadas para sanar as dificuldades diagnosticadas. (ANDRE & PASSOS, 2001).

Segundo Villas Boas (2008) a avaliação praticada na escola pode cumprir duas funções principais, a de classificar o aluno, medindo o seu desempenho ou para promover as aprendizagens. Nesse trabalho, destacarei a importância da avaliação formativa com fundamentos da práxis pedagógica. Para esclarecer esses fins que a avaliação se propõe, é importante destacar as ideias de Perrenoud (1999, apud Chueiri 2008), que afirma que as práticas avaliativas da escola passam por duas lógicas: a formativa e a somativa. E segundo Chueiri (2008), a avaliação formativa preocupa-se com a apropriação de saberes pelo aluno, que é mediado pela intervenção do professor a fim de regular as aprendizagens, revertendo no possível fracasso escolar e reinserindo o aluno no processo educativo. Já a avaliação somativa apoia-se na lógica de uma concepção classificatória de avaliação, cuja concepção final é verificar, ao final do semestre, ou ano letivo, se houve aquisição do conhecimento.

A avaliação formativa é entendida como um tipo avaliação primordial para a organização do trabalho pedagógico. É aquela que engloba todas as atividades desenvolvidas pelos professores e alunos, com o objetivo de fornecer informações a serem usadas como um *feedback*, que tem como objetivo reorganizar o trabalho pedagógico. (WILLIAM & BLACK, apud VILLAS BOAS, 2008). A palavra *feedback* é um termo utilizado por Black e William, assim como Sadler (1989, p.120), citados por Villas Boas (2008, p. 39) que “é o elemento-chave na avaliação formativa; diz respeito à informação, ao próprio aluno, a quão bem-sucedido ele foi no desenvolvimento do seu trabalho.

No âmbito educacional ainda se verifica a existência da avaliação enquanto classificação. Embora, muitos educadores tenham noção da importância de se desenvolver uma avaliação contínua, formativa, emancipatória e não excludente é possível observar, ainda, a necessidade de uma mudança significativa no ato de avaliar.

Nessa linha de raciocínio, Freitas (2014, p. 9) afirma que “a avaliação afigura-se como os mecanismos que conduzem à manutenção ou eliminação de determinados alunos no interior da escola.” E citando Bourdieu e Passeron (1975), Freitas (Ibidem) diz que a seleção existente na escola é uma forma de manter ou eliminar determinados alunos do ambiente escolar. O que contribui para a manutenção das relações de poder existentes na própria sociedade, sendo a avaliação um dos mecanismos que a escola usa para reforçar essa hegemonia.

3 | PERCURSO METODOLÓGICO E CAMPO DE PESQUISA

Para realizar esta pesquisa e levantar os dados sobre a avaliação da aprendizagem foi utilizada a abordagem metodológica de natureza qualitativa o que possibilitou a investigação no ambiente natural (a escola), com os seus diferentes atores, protagonistas de uma realidade e fonte direta de informações e dados, conforme LÜDCK e ANDRÉ, 1986.

A pesquisa de campo foi realizada num Centro de Ensino Fundamental pertencente à Coordenação Regional do Núcleo Bandeirante – Distrito Federal. Os sujeitos envolvidos no estudo foram: um membro da gestão (vice-diretor) e professores, que atuam no terceiro ciclo do Ensino Fundamental. A escolha desses sujeitos se justifica, simultaneamente, o vice-diretor, por ele estar mais próximo do fazer pedagógico, acompanhando os docentes na implantação do terceiro ciclo (no ano letivo de 2017) e com os professores regentes pelo contato constante com a prática da avaliação das aprendizagens realizada em sala de aula.

O presente estudo contou com a utilização de alguns instrumentos de coleta de dados: a análise documental do projeto político-pedagógico da escola pesquisada, com o objetivo de fazer uma investigação exploratória da organização escolar e reconhecimento do campo de pesquisa. Uma entrevista semiestruturada com o vice-diretor, conforme apresenta Moroz e Gianfaldoni (2006) como sendo um instrumento que exige a presença do pesquisador para que se obtenha dos sujeitos às informações importantes para responder ao problema de pesquisa. Cabe ressaltar que a entrevista foi de fundamental importância, pois garantiu o envolvimento entre pesquisador/sujeito/objeto, o que facilitou o esclarecimento de pontos que mereciam maior explicação no decorrer do estudo.

Foram distribuídos vinte e um (21) questionários para os professores, com perguntas abertas e fechadas, sendo que dezenove (19) foram devolvidos e analisados. A aplicação do questionário como instrumento de coleta de dados é destacada por Moroz e Gianfaldoni (2002, p. 66) porque esse instrumento “tem a vantagem de poder ser utilizado em grande número de pessoas ao mesmo tempo”. Tendo em vista que essa pesquisa procurava abranger os professores das diversas disciplinas que compõem o currículo, a escolha do questionário se justificou pelo

número de participantes no processo de pesquisa e pela necessidade de se colher o maior número de informações possíveis, sobre o objeto em estudo, em um período menor de tempo.

A aplicação desses instrumentos (análise documental, entrevista semiestruturada e questionário) tinha como objetivo coletar informações e dados sobre a avaliação na perspectiva do corpo docente, procurando saber quais os fins dados para a avaliação realizada em sala de aula.

4 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esse relatório de pesquisa foi realizado, utilizando a análise de conteúdo, segundo Bardin (1977, p. 33) quando ele diz: “A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações.” A análise de conteúdo não foi usada como um instrumento, mas como um conjunto de apetrechos e procedimentos para facilitar a análise das informações apresentadas na pesquisa, de acordo com Bardin (Ibidem). Os dados da pesquisa foram divididos em cinco categorias de análise, a fim de responder o problema e elucidar os objetivos em estudo.

É importante salientar que, no decorrer da análise dos dados, foram usados nomes fictícios para manter o sigilo quanto aos sujeitos participantes da pesquisa.

Nos diferentes instrumentos utilizados, obtiveram-se as seguintes informações: *concepção que os professores apresentam sobre avaliação; compreensão de avaliação formativa; a importância do processo avaliativo; finalidades da avaliação e sugestões para melhorar o processo avaliativo no 3º ciclo para as aprendizagens.*

4.1 Concepções de avaliação

Nessa seção serão tratadas as concepções que o corpo docente apresentou sobre a avaliação. Nesse sentido, cabe ressaltar que a opinião dos professores é de fundamental importância, pois ao realizarem a avaliação todo o momento na sala de aula, eles estão diretamente ligados a este processo. Na pesquisa realizada os professores apresentaram as seguintes concepções de avaliação

Instrumento que verifica se o conteúdo exposto foi internalizado pelos alunos. (professora Maria).

Instrumento de medida de conhecimento do nível de aprendizagem dos alunos e da qualidade das aulas. (Professor Pablo).

Instrumento utilizado em sala de aula com a função diagnóstica para orientar o processo de ensino-aprendizagem. (professora Emilly).

Método qualitativo e quantitativo de se verificar o alcance dos objetivos propostos. (professora Marly).

Toda e qualquer forma de instrumento que permite “medir” o nível de aprendizagem dos alunos. (professora Lia).

Tentar descobrir o que o outro reteve ou aprendeu. (professora Eduarda).

Diante dessas afirmações, encontram-se elementos variados que definem o processo avaliativo, dentre eles podemos destacar termos como: verificação da aprendizagem do aluno; instrumento de medida; verificação de objetivos; função diagnóstica; dentre outras. Porém observa-se que boa parte dos professores (63%) apresenta uma avaliação mais focada na aprendizagem do aluno, havendo sinais de uma avaliação mais ligada ao desempenho do estudante do que uma avaliação orientadora do trabalho pedagógico.

Villas Boas (2008) e André & Passos (2001) ressaltam que a avaliação é importante não apenas para oferecer informações sobre o aluno, mas também para o professor, no sentido de ser um guia para a organização do trabalho pedagógico. É através da avaliação que o professor irá verificar o que o aluno aprendeu e se necessário for, replanejar seu trabalho em sala de aula. A resposta da professora Elô é esclarecedora, quando ela afirma que: *A avaliação é o termômetro para a aprendizagem.* Observa-se na fala da professora a preocupação com a organização do trabalho pedagógico, no sentido de verificar o que o aluno sabe para, então, programar o *ensinoaprendizagem*.

A entrevista realizada com o vice-diretor complementa a percepção da avaliação centrada no aluno, quando ele fala das dificuldades encontradas para desenvolver o ato avaliativo no 3º ciclo: [...] *uma delas é fazer com que o coletivo da escola entenda que a avaliação é primordial não é apenas o instrumento prova* [...] Fazendo um link com as repostas do questionário, observei a tendência da prova (instrumento de medida), como uma prioridade, pois quando questionei os professores sobre os instrumentos mais utilizados por eles para avaliar seus alunos, (94,7 %) dos docentes, a maior parte, respondeu que usava testes e provas.

No questionário, os professores, também disseram que usavam outros instrumentos avaliativos como:

- observações (78%);
- exercícios avaliativos (78%);
- portfólio (31%);
- seminários (16%)
- avaliação oral, trabalhos individuais e de grupo, estudos dirigidos, atividades no caderno (10 %);
- músicas, jogos, projetos, ditado, anotações, conversas, pesquisa de campo,

diário de bordo, pesquisa, avaliação de leitura e escrita, confecção de história em quadrinhos e avaliação de acompanhamento (5%).

Os professores utilizam outros instrumentos avaliativos, citados acima, nessa unidade de ensino, mas a prova e o teste foram os instrumentos ditos por eles como mais utilizados.

A prova pode e deve ser utilizada, pois ela é um dos instrumentos avaliativos, mas é muito importante observar se a prova está alinhada aos objetivos de aprendizagem e ao trabalho pedagógico da sala de aula, conforme (Villas Boas, 2017). E para que a avaliação se dê de maneira mais democrática, é interessante o uso de outros instrumentos avaliativos, pois tendo diferentes formas de avaliar, o estudante terá maior chance para atingir os objetivos esperados. (Ibidem, 2008)

É importante esclarecer que o ato avaliativo, como afirma Villas Boas (2008) é um processo que envolve todos, professores e alunos e como integrantes desse processo, todos deverão ser avaliados, pois a avaliação fornece informações para ambos, para o aluno, informando o que ele aprendeu e o que precisa melhorar. Para o professor, traz informações para o seu fazer pedagógico, planejamento, intervenções, reagrupamentos etc. Cabe destacar que os projetos interventivos e reagrupamentos são estratégias pedagógicas previstas para o desenvolvimento do trabalho pedagógico no terceiro ciclo.

4.2 A compreensão da avaliação formativa

Nessa parte do texto será analisada a função formativa da avaliação, como os professores da escola estudada a compreendem. É interessante ressaltar que avaliação formativa e somativa não se referem a instrumentos avaliativos, mas a maneira como os recursos avaliativos são utilizados. A avaliação formativa é a avaliação para a aprendizagem, enquanto a somativa é a avaliação da aprendizagem. (VILLAS BOAS, 2017). Uma das professoras tem entendimento de que a avaliação tem como função *a finalização de um trabalho* (professora Cátia). O relato evidencia que essa professora valoriza mais a função somativa da avaliação, focando-se nos resultados das aprendizagens e não nos seus processos.

Diferente da avaliação somativa, a função formativa é aquela que fornece informações para o planejamento e replanejamento do professor, tendo como objetivo o desenvolvimento das aprendizagens. Já a função somativa da avaliação ocorre ao final de um determinado período, fechando um ciclo, atribuindo um conceito ou uma nota. A função somativa pode ser resultado de vários instrumentos avaliativos e dependendo das intenções do professor, ela poderá apresentar em seu interior, a função formativa. Ou seja, para se chegar à função somativa, o professor pode ter realizado várias etapas formativas até chegar ao final (função somativa) com um conceito, uma nota.

A professora Cida exemplifica muito bem a função formativa da avaliação,

quando ela afirma que: *A avaliação é um processo contínuo, onde podemos identificar o aprendizado dos estudantes.* Nessas falas há a indicação de que essa professora desenvolve uma avaliação preocupada com a aprendizagem dos alunos e também com a organização do trabalho pedagógico porque ela quer saber o tempo todo se o aluno aprendeu para, então, rever a sua prática pedagógica.

No questionário realizado, foi perguntado aos demais professores da escola qual o entendimento que eles tinham sobre avaliação formativa e eles apresentaram contextos significativos:

A avaliação com o objetivo construtivo, visando à detecção de êxitos e fragilidades, buscando, aprimorar o processo ensino-aprendizagem. (Professor Pablo).

Aquela que vai além dos números, além dos valores das notas. Avaliar o aluno como um todo. (Professora Maria).

Tipo de avaliação global, além dos pontos dos conteúdos. (Professora Marly).

É a avaliação onde se tem a base para orientar e aprimorar a aprendizagem. (Professora Cláudia).

Elemento norteador do trabalho pedagógico que faz uso variado de instrumentos a partir das necessidades dos alunos. (Professora Lú).

É interessante ressaltar que (16%) dos professores afirmaram que a avaliação formativa é aquela que envolve avaliação global do aluno. Nesse contexto, Villas Boas (2008) afirma que: “Contrariamente a avaliação classificatória, a formativa promove a aprendizagem dos alunos e do professor e o desenvolvimento da escola, portanto é aliada de todos.” Encontra-se nas respostas dos professores a preocupação com a perspectiva formativa da avaliação, quando demonstram interesses com as necessidades dos alunos e o desenvolvimento do processo de *ensinoaprendizagem*.

Diante do estudo realizado, o processo avaliativo apresenta-se um pouco confuso, embora os professores afirmem que realizam uma avaliação formativa eles ainda estão apegados à nota. É como estabelece Villas Boas (2008) quando ela diz que na educação brasileira ainda há fortes traços da avaliação classificatória, pois ainda se avalia para dar notas, aprovar e reprovar os alunos. Mas, por outro lado, a pesquisa revela, nos registros dos professores, um compromisso com a reorganização da escola para a lógica dos ciclos, quando o corpo docente demonstra preocupação em entender esta nova organização escolar.

Procurando esclarecer sobre a avaliação no terceiro ciclo, é interessante ressaltar, que nessa organização não se elimina os diferentes tipos de instrumentos avaliativos, mas muda-se a forma de avaliar o estudante. Portanto, *não se exclui* a avaliação formal e nem a informal, mas se redefinem os seus papéis, de maneira tal que o reforço e a recuperação paralela estejam presentes, realizando um trabalho

complementar do processo avaliativo. Cabe ressaltar, portanto, que a avaliação formal diz respeito às técnicas e procedimentos palpáveis de avaliação como provas e trabalhos que conduzem a uma nota e a avaliação informal envolve juízo de valor, invisíveis que influenciam os resultados das avaliações finais. (FREITAS, 2003).

Na escola pesquisada, observa-se que há a preocupação com o princípio formativo da avaliação. A professora Mara sente a necessidade de uma avaliação comprometida com as aprendizagens dos alunos, quando diz: *Utilizo a avaliação para aprimorar constantemente meu trabalho pedagógico para alcançar os objetivos propostos. Para nortear o trabalho pedagógico e ajustá-lo às diferentes necessidades dos alunos.*

Villas Boas (2008), seguindo esse raciocínio, justifica a necessidade da avaliação ser realizada no viés formativo, quando ela afirma que essa função da avaliação é que permite ao professor analisar de maneira frequente e interativa, o progresso dos alunos, a fim de verificar o que eles aprenderam e o que ainda não aprenderam, para desta forma, reorganizar o trabalho pedagógico, sendo, portanto, avaliação formativa, parte essencial do trabalho pedagógico. A professora Cida complementa a necessidade da avaliação formativa nos ciclos para a aprendizagem, pois na opinião dela: *A avaliação no 3º ciclo oportuniza o aprendizado, pois os reagrupamentos ajudam a evolução e a correção da aprendizagem. A avaliação, portanto, deve acompanhar o fazer pedagógico, fornecendo informações para o planejamento a fim de ajudar os alunos em suas aprendizagens.*

Na entrevista realizada, o vice-diretor coloca um importante ponto a ser destacado na função formativa da avaliação, dizendo: [...] *o diferencial é mais por conta que na avaliação formativa o aluno é agente, ele não é paciente como ocorre na avaliação tradicional [...] e o professor é o mediador para que isso ocorra.* Complementando a fala do gestor escolar, cabe destacar as palavras de Villas Boas (2017), a avaliação da aprendizagem deve ser conduzida pelo professor, devendo se basear nas múltiplas produções do aluno, coletadas sistematicamente ao longo do tempo. Portanto, cabe ao professor o lugar de mediador, pois é ele que irá desenvolver o processo avaliativo e ao aluno a capacidade de ser o agente, pois na avaliação o aluno será considerado em suas múltiplas representações, seja no desempenho de uma prova, comportamento, participação, etc.

O projeto político-pedagógico (PPP) da instituição assim explicita sobre a avaliação: *Em nossa escola, as avaliações pedagógicas tem ênfase formativa e ocorreram a cargo de cada professor, com o suporte da coordenação pedagógica [...]* Portanto, observa-se uma unidade no tratamento da avaliação formativa no âmbito escolar presente nas falas do diretor, no relato dos professores e projeto político-pedagógico.

4.3 A importância do processo avaliativo

O objetivo dessa seção é apresentar o entendimento dos professores sobre a importância da avaliação, onde encontramos as seguintes informações:

Avaliar é importante para o professor e também para o aluno, pois é com esse laudo que podemos fazer novas formas para se chegar ao aprendizado. . (Professora Emily).

Para conhecer o alcance dos objetivos e reavaliar pontos falhos. (Professora Marly).

É importante para fazer adequações e intervenções na prática pedagógica. (Professora Claudia).

A avaliação nos dá uma direção para o nosso trabalho. (Professora Lia).

Avaliar, principalmente, o nosso trabalho, o aprendizado acontece simultaneamente. (Professora Mônica).

Apartir da análise feita nos questionários, observou-se que (53%) dos professores demonstram um entendimento de que a avaliação seja utilizada como recurso para o desenvolvimento do trabalho pedagógico e no PPP da escola encontra-se uma avaliação concebida como [...] *parte primordial do processo ensino-aprendizagem, contribuindo, principalmente, para o diagnóstico, permitindo ao professor e ao aluno detectar os pontos fracos e, posteriormente, onde dar ênfase no processo.* O vice-diretor estabelece que: *A avaliação [...] é um instrumento com o qual a gente pode: diagnosticar, analisar, mensurar e extrair dessa, estratégias, caminhos, apontamentos [...] para novas estratégias que possam promover as aprendizagens inerentes ao ano/bloco em que o aluno se encontra.*

E ao se refletir, estudar e/ou verificar os dados dessa pesquisa, encontra-se grande ênfase dada à avaliação, pois esse processo perpassa todo o trabalho do professor e torna-se uma espécie de guia para o trabalho pedagógico. Freitas (2014) define a avaliação como uma categoria pedagógica polêmica, pois na opinião dele, avaliar diz respeito ao futuro e mexe com a vida das pessoas. A avaliação alimenta o processo *ensinoaprendizagem*, dando dicas para o professor e para o aluno sobre o que foi ensinado e o que foi aprendido. Na verdade, o planejamento começa com a definição de objetivos do ensino, passa pela definição dos métodos, pela execução do planejamento e finalmente pela avaliação do estudante. (FREITAS, 2014). As falas dos professores, vice-diretor e proposta pedagógica se intercomplementam refletido a teoria estudada.

Seguindo esse raciocínio, Villas Boas (2008) inclui a avaliação dos professores no processo avaliativo “[...] porque a avaliação para a aprendizagem contribui para a reorganização do trabalho pedagógico, ampliando a aprendizagem de professores.” E nesse ínterim, nas diretrizes do terceiro ciclo encontra-se a preocupação da avaliação

tanto para a organização do trabalho pedagógico como para a aprendizagem do aluno, quando estabelece que: “A avaliação deve assumir a centralidade da organização do trabalho pedagógico comprometida com a aprendizagem e o desenvolvimento de todos.” (DISTRITO FEDERAL, 2014b, p.34).

4.4 Finalidades da avaliação

A seguir são apresentadas as finalidades da avaliação para os professores do terceiro ciclo da escola pesquisada, as respostas foram agrupadas de acordo com as finalidades da avaliação, esse primeiro grupo afirma utilizar os resultados das avaliações para realizar um trabalho com o aluno:

Utilizo para fazer os reagrupamentos, nomear monitores para ajudar quem necessita de outra abordagem. (Professora Maria).

Para auxiliar os alunos nas suas dificuldades. (Professora Isabela).

Utilizo para fazer intervenções na aula. (Professora Cláudia).

Os resultados são utilizados para fazer intervenções. (Professora Kátia).

É interessante ressaltar que a entrevista com o vice-diretor esclareceu muitos pontos que pareceram confusos no questionário, principalmente, no que diz respeito aos projetos de reagrupamento e interventivos realizados na escola. Segundo ele, inicialmente, é feita uma avaliação diagnóstica e a partir dessa avaliação os alunos são classificados em níveis (um, dois e três). No nível um estão os alunos que necessitam aprender mais e construir o conhecimento melhor para o ano em que ele está; no nível dois significa que o estudante está a caminho, está chegando lá e no nível três seria o nível adequado. Esses alunos do nível três são os monitores que a professora Maria relata no depoimento acima. Além disso, o gestor entrevistado salienta que esse instrumento foi construído no coletivo e foi passado para a comunidade escolar, para que todos tomassem conhecimento desse novo jeito de avaliar os estudantes.

O vice-diretor disse que uma das dificuldades de desenvolver a avaliação no terceiro ciclo é ter que lidar com a questão das notas:

[...] ter que mensurar [...] conhecimento que é muito subjetivo [...] quando estou num grupo de alunos, no reagrupamento e um começa aprender com o outro [...] é complicado mensurar isso através de uma nota. Eu consigo ver a aprendizagem ocorrendo, os conhecimentos sendo construídos, o aluno também vê, mas tenho que transformar isso em nota, às vezes, isso gera angústia.

Os dados da pesquisa indicam que os professores da escola pesquisada priorizam a utilização de testes e provas como instrumentos avaliativos, como constatações feitas no início da análise dos dados, nesse artigo. Essas informações

revelam que a prioridade do uso desses instrumentos avaliativos pode ser pela cobrança das notas aos docentes, pois nessa última etapa do Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano) ainda são usados os boletins com notas, um dificultador para o desenvolvimento de um processo avaliativo mais formativo. O gestor, em seus relatos, fala da organização da escola e demonstra uma preocupação com a reorganização dos tempos e espaços, quando diz:

[...] Dentro do ponto de vista sobre documentos e instrumentos [...] foi tudo elaborado com vistas à seriação. [...] o horário da escola foi feito para a seriação [...] e o espaço escolar como estrutura [...] foi criado como estrutura para a seriação [...] o sistema do ponto de vista de registro, tudo está voltado para a seriação [...]

Nessa próxima seção, o grupo de professores demonstra se preocupar com uma avaliação voltada com desenvolvimento do trabalho pedagógico e afirmam:

Utilizo a avaliação para rever, principalmente, minha prática pedagógica nas aulas, pois se não houve aprendizado preciso mudar os métodos. (Professora Cida).

Utilizo a avaliação como feedback. (Professora Mônica).

Buscando corrigir falhas e para aprimorar os processos ensino-aprendizagem. (Professor Pablo).

Utilizo no planejamento e estratégias de minhas aulas. (Professora Lia).

Nas falas dos professores observa-se a necessidade do *feedback*, que segundo Villas Boas (2017, p. 150) deve ser utilizado tanto para o aluno, quanto para o professor. Para o aluno, para provocar o crescimento/aprendizagem e para o professor para informar o alcance dos objetivos. A professora Isa demonstra a preocupação com o *feedback* a ser dado pelo estudante, quando ela diz: *Utilizo a avaliação mostrando o aluno o seu desempenho*. Os relatos da professora demonstram o compromisso com a educação de qualidade, pois quando ela dá um retorno para seus estudantes, eles ficam sabendo onde precisam despender mais esforços para alcançar os objetivos deles esperados.

Seguindo essa linha de raciocínio, Fernandes (2017) diz que a avaliação tem uma estreita relação com o planejamento e com o replanejamento como destacam as falas dos professores da escola em estudo.

4.5 Sugestões para melhorar o processo avaliativo no 3º ciclo para a aprendizagem

Diante dos depoimentos dos professores e, principalmente, porque a escola está em processo de transição entre a seriação e ciclo, resolveu-se colher opiniões dos professores para melhorar o processo avaliativo nessa forma de organização escolar. Os professores apresentaram as seguintes sugestões:

- reduzir a quantidade de alunos por turma;
- orientar os pais sobre a nota, ela é menos importante do que aprender;
- envolver todos no processo ensino-aprendizagem;
- entender essa nova organização escolar (professores);
- disponibilizar maior quantidade de recursos materiais e humanos para ajudar no processo de construção da aprendizagem;
- garantir o estudo contínuo e cursos de aperfeiçoamento, para ajudar na melhoria da prática pedagógica;
- dar feedback para o aluno;
- conscientizar os pais e a comunidade escolar sobre a organização escolar em ciclos;
- analisar os resultados dos alunos coletivamente; e
- modificar as práticas de acordo com resultados obtidos.

Diante da análise das respostas dos professores e da literatura estudada, há de concordar com suas sugestões dos professores, ressaltando que o *feedback* é necessário ao aluno, como na fala de um dos professores, mas também para o docente - mediador do processo ensino-aprendizagem, conforme Villas Boas (2017).

Silva (2007) destaca, ainda, a importância da coordenação pedagógica como espaço de formação continuada dos docentes e, também, como momento do planejamento coletivo, pois é na colegialidade que é possível planejar e realizar os projetos referentes aos ciclos (interventivos e reagrupamentos). Nesse sentido, o aluno não será considerado de um professor em específico, mas da escola como um todo.

Nesse contexto, o Conselho de Classe é de fundamental importância, um aliado do processo avaliativo, sendo um colegiado a favor da aprendizagem do aluno, do professor e da escola. “Precisamos, portanto, pensar no Conselho de Classe, como instância participativa e espaço primordial de avaliação e de reorganização dos espaços e tempos escolares [...]” (DISTRITO FEDERAL, 2014b, P. 41).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal questão dessa pesquisa é verificar: quais as implicações da avaliação da aprendizagem para a organização do trabalho pedagógico no 3º ciclo para as aprendizagens? Esse questionamento vem acompanhado dos seguintes objetivos: analisar as concepções de avaliação apresentadas pelos professores; analisar os fundamentos teóricos metodológicos da avaliação apresentados no PPP e sua articulação com a prática pedagógica da sala de aula para a organização do trabalho pedagógico.

De acordo com os estudos realizados nessa pesquisa, observa-se que a prática avaliativa tem mudado no decorrer da história da educação e os processos avaliativos estão se dando de uma forma mais apartada da visão tradicional de educação. E

essa pesquisa revelou que a avaliação, ainda não é tida como elemento primordial para o desenvolvimento do planejamento educacional. Observa-se, também, que a avaliação está mais centrada no aluno, no seu processo de aprendizagem do que no professor, no seu fazer pedagógico.

Nesse sentido, sugere-se um estudo sobre as práticas de avaliação, que leve a uma reflexão sobre o ato avaliativo, que deve ser considerado um norte, um novo caminho, no que se refere ao *ensinaraprender*. O processo avaliativo deve estar a favor das aprendizagens dos alunos, mas também, para a organização do trabalho pedagógico como um todo. Observa-se, também, a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre a organização escolar em ciclos, no âmbito escolar, para que a comunidade compreenda a necessidade e a importância dessa nova forma de estruturar a escola.

Cabe destacar o papel da colegialidade, onde a comunidade escolar poderá pensar e repensar estratégias para o desenvolvimento de um ensino de qualidade, pautado numa avaliação mais justa e solidária, na qual todo corpo discente possa estar incluído no processo *ensinaraprender*. Que o professor possa, junto com sua equipe pedagógica, desenvolver um trabalho que leve em conta: o que os alunos aprenderam, o que eles necessitam para avançar em suas aprendizagens e, finalmente, desenvolver uma avaliação de qualidade.

É interessante ressaltar, que diante das informações e dados encontrados nessa pesquisa, há indícios de que o 3º ciclo dessa escola tem unidade no que diz respeito ao tratamento da avaliação, encontrada nos relatos e falas dos professores e no PPP, onde existe a preocupação com o desenvolvimento da avaliação formativa confirmada nas práticas pedagógicas de alguns educadores.

Percebo que a escola está no caminho certo para o desenvolvimento da organização em ciclos, bem como disse o vice-diretor em sua entrevista: *Não há nada definitivo, estamos na fase de construção*. A escola ainda está construindo o seu fazer pedagógico na perspectiva dos ciclos.

Finalizando, concluo que a pesquisa foi esclarecedora de alguns pontos em estudo, principalmente, quanto à finalidade da avaliação, pois quando se estuda a literatura sobre essa temática, parece tão assertivo que a avaliação seja usada para a organização do trabalho pedagógico, mas na prática observa-se que avaliar é um processo complexo, multifacetado, que exige muito estudo. Além disso, avaliação prescinde a atuação de um colegiado, um trabalho em equipe, para que se superem as dificuldades surgidas no *ensinaraprender*.

Nesse momento, cabe enfatizar, que este estudo contribuiu com a minha formação enquanto pesquisadora, pois pude colocar em prática conceitos teóricos estudados, além de suscitar uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema, com a finalidade de melhor compreender e analisar o processo avaliativo no 3º ciclo, visto que esse tema enseja muitos questionamentos, ainda não respondidos em estudos anteriores.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Elisa Dalmozo Afonso de; PASSOS, Laurizete F. Avaliação Escolar: desafios e perspectivas. In: Castro A.D. de; CARVALHO, A. M. P. de (Orgs.). **Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média**. Pioneira Thomson Learning, 2001.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BRASIL. MEC/SEB. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 9.394/96. Brasília, 1996.
- CHUEIRI, Mary Stela Ferreira. **Concepções sobre avaliação escolar**. In Estudos em Avaliação Educacional, v. 19, n. 39, jan. /abr., 2008.
- DISTRITO FEDERAL. **Diretrizes pedagógicas para organização escolar do 3º ciclo**. Brasília, SEEDF/SUBEB, 2014b.
- _____. **Diretrizes de Avaliação do Processo de Ensino e de Aprendizagem para a Educação Básica**. Brasília, SEEDF/SUBEB, 2014a.
- FERNANDES, C. de O. **O que a escola pode fazer com os resultados dos testes externos?** . In: VILLAS BOAS, B. (Org.). **Avaliação: interações com o trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, 2017.
- FREITAS, Luiz Carlos. **Ciclos, seriação e avaliação: confronto de lógicas**. São Paulo: Moderna, 2003.
- _____. **Avaliação Educacional: caminhando na contramão**. 7º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: e. P. U., 1986.
- MENDES, Ana Magnólia. (Org.). **Clínica Psicodinâmica do trabalho de professores: práticas em saúde do trabalhador**. Curitiba: Juruá, 2014.
- MORETTO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.
- MOROZ, M. & GIANFALDONI, M. H. T.A. **O processo de pesquisa: iniciação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2ª edição, 2006.
- PEREIRA, M.S. **Avaliação, ciclos e progressão continuada: questões relevantes**. In: VILLAS BOAS, B. (Org.). **Avaliação: interações com o trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, 2017.
- SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- VEIGA, Ilma Passos A. & REZENDE, L. M. G. (Orgs). **Escola: espaço do projeto Político-pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- VILLAS BOAS, Isabela F. **Avaliação em Línguas Estrangeiras: desatando alguns nós** In: VILLAS BOAS, B. (Org.). **Avaliação: interações com o trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, 2017.

VILLAS BOAS, Benigna M. F. **Virando a escola do avesso por meio da avaliação**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

_____ (Org.). **Avaliação: interações com o trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, 2017.

SILVA, E. F. A coordenação pedagógica como espaço de organização do trabalho escolar: o que temos e o que queremos. In: VEIGA, I. P. A. (org.). **Quem sabe faz a hora de construir o projeto político-pedagógico**. Campinas: Papyrus, 2007.

SOBRE A ORGANIZADORA

Kelly Cristina Campones - Mestre em Educação (2012) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa , na linha de pesquisa História e Políticas Educacionais. É professora especialista em Gestão Escolar, pela Universidade Internacional de Curitiba (2005). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2004) diplomada para Administração, Direção e Supervisão Escolar . Membro do GEPTADO- Grupo de Pesquisa sobre o trabalho docente na UEPG. Tem experiência como docente e coordenadora na: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio, graduação e pós-graduação. Atualmente é professora adjunta na Faculdade Sagrada Família com disciplinas no curso de Licenciatura em Pedagogia. Tem ampla experiência na área educacional atuando nas seguintes vertentes: educação infantil, processo de ensino aprendizagem; gestão; desenvolvimento e acompanhamento de projetos ; tecnologias educacionais; entre outros.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-483-2

